

## Educación e ensino remoto: que lições aprendemos para a pós-pandemia?

Maéve Melo dos Santos (UNIVASF)

Cosme Batista dos Santos (UNEB)

### *Resumo*

Trata das aprendizagens que a educação e a formação docente obtiveram durante o período de ensino remoto, a partir da análise de pesquisas e ensaios desenvolvidas durante a pandemia: Santos (2020); Morin (2020); Han (2020; 2021); Nóvoa e Alvim (2021); Tassoni e Osti (2022); Macedo (2022) e, Feitoza, Teles e Gomes, 2021). Dentre as lições de vida, aprendemos que é urgente pensar uma reforma que vá além das reformas administrativas, trabalhistas, tributárias e orçamentárias. Dentre as lições para a educação, aprendemos: i) a escola ainda é reconhecida como local favorável às aprendizagens; ii) os professores são relevantes e não serão substituídos pelas máquinas; iii) haverá uma quebra de paradigma na cultura escolar, com ênfase no ensino híbrido e nas novas tecnologias em sala de aula; iv) dar importância ao que foi aprendido no ensino remoto, ressignificando as práticas no retorno ao presencial, e; v) a escola precisa voltar mais humanizada, com ênfase no respeito à natureza e à vida, na afetividade e na formação integral do aluno. O estudo aponta a necessidade do Estado implementar políticas de efetiva inclusão digital nas escolas públicas, nas áreas urbanas, rurais e ribeirinhas e de valorização da educação e de seus profissionais.

*Palavras-Chave:* trabalho docente; ensino remoto; lições da pandemia.

### *Introdução*

A escola saiu de casa, e agora? Será a vez da educação doméstica conhecida como *Homeschooling*? Será um anúncio da desescolarização? Ou será que a Educação a Distância assumirá de vez a educação escolar com suas plataformas digitais? Será o fim do papel do professor? Muitos foram os questionamentos que assombraram o inconsciente coletivo da classe docente durante a pandemia da Covid 19.

Passados mais de dois anos e após um longo período de isolamento social, juntamente com o ensino remoto, adotado em quase todas as escolas do país, que no Brasil se estendeu por mais tempo do que em muitos outros países, estamos retomando o ensino presencial. Poderíamos nos questionar: que lições aprendemos com o ensino remoto na quarentena da pandemia do Coronavírus? Esta não é uma pergunta simples, por isso mesmo, não temos a pretensão de apresentar uma única resposta.

Boaventura Sousa Santos considera que ocorreu uma claridade pandêmica, segundo o autor, “o que ela nos permite ver e o modo como for interpretado e avaliado determinarão o futuro da civilização em que vivemos” (2020, p. 10). Neste ensaio, pretendemos trazer à luz

algumas aprendizagens que a educação obteve durante o período de distanciamento social, a partir da análise de algumas pesquisas, estudos, ensaios que foram desenvolvidas durante a pandemia, dentre eles destacamos: Santos (2020); Morin (2020); Han (2020; 2021); Nóvoa e Alvim (2021); Santos e Santos (2021); Pereira, Santos e Santos (2022); Tassoni e Osti (2022); Macedo (2022); Teles *et al* (2020) e, Feitoza, Teles e Gomes, 2021).

Na primeira sessão, trazemos algumas lições de vida aprendidas durante a pandemia à luz dos filósofos contemporâneos Byung-Chul Han, Edgar Morin e do sociólogo Boaventura de Sousa Santos. Na segunda, partimos para uma análise das lições no campo da educação a partir do ensaio de António Nóvoa e Yara Alvim, que discute as mudanças da educação nos anos 1870, 1920, 1970 e 2020. Por último, buscamos identificar as potenciais lições da pandemia para o ensino em algumas pesquisas realizadas entre os anos de 2020 a 2022.

### *Potenciais lições de vida*

Foram muitas as lições de vida aprendidas durante a pandemia, poderíamos elencar uma lista delas. Sem poder sair de casa e nem se tocar, as pessoas passaram a valorizar coisas tão simples como um abraço, um sorriso, um aperto de mão. Quanta falta fez um aperto de mão! Olhávamos uns aos outros de longe e ficava aquela vontade de poder de abraçar, tocar, beijar, mas não podíamos. Até aquele momento não imaginávamos que iríamos sentir tanta falta de gestos tão simples, tão corriqueiros. O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, refletindo sobre os efeitos da pandemia, desejou: “Tomara que a pandemia nos faça perceber que a simples presença corporal do outro tem algo que nos faz sentir felizes [...], que um diálogo bem-sucedido pressupõe um corpo, de que somos seres corpóreos” (Han, 2021, p. 3-4). Esta foi uma das lições de vida que a pandemia nos deixou.

Outra lição aprendida na pandemia foi o valor da vida e da solidariedade. A máxima era: *eu cuido do outro cuidando de mim e mantendo o isolamento social, usando máscara e álcool gel, até que a vacina chegue para todos*. Segundo Boaventura de Sousa Santos, a pandemia levou a sensação de segurança e trouxe consigo o sentimento de fragilidade humana, criou “com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática”, o trágico, segundo o autor, foi que “neste caso, a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos” (Santos, 2020, p. 7). Para Han (2020, p.7) a pandemia ensinou que “a sociedade liberal precisa de um forte conceito de ‘nós’. Caso contrário, cai em uma multidão de pessoas

egoístas”. Da mesma forma, o filósofo contemporâneo Edgar Morin, em seu artigo intitulado *Um festival de incertezas* refletindo sobre os desafios da complexidade provocados pela pandemia da Covid-19, afirmou:

A crise deveria, sobretudo, abrir nossas mentes, há bastante tempo reduzidas ao imediato, ao secundário e ao frívolo, para o essencial: a importância do amor e da amizade para nosso florescimento pessoal, para a comunidade e para a solidariedade de nossos ‘eus’ nos ‘nossos’, para o destino da Humanidade dentro da qual cada um de nós é uma mera partícula. Em suma, o confinamento físico deveria favorecer o desconfinamento mental (Morin, 2020, p. 9).

Morin, utiliza o verbo no futuro do pretérito - deveria – por considerar que a crise pandêmica contém um “festival de incertezas”. Questiona: “haverá um novo renascimento da vida convivial e amorosa rumo a uma civilização na qual se desenvolve a poesia da vida, onde o ‘eu’ floresce em um ‘nós’?” (2020, p. 11). Com tantas incertezas para o futuro, ele aposta que

Podemos temer fortemente a regressão generalizada observada já durante o curso dos vinte primeiros anos deste século (crise da democracia, corrupção e demagogia triunfantes, regimes neo-autoritários, retomadas nacionalistas, xenóforas, racistas). Todas essas regressões (e na melhor das hipóteses, estagnações) são prováveis enquanto não emergir uma nova via política-ecológica-econômica-social guiada por um humanismo regenerado. Tal humanismo multiplicaria as verdadeiras reformas, que não reduções orçamentárias, mas reformas da civilização, da sociedade, ligas às reformas de vida (Morin, 2020, p. 11).

Enquanto Morin aponta as regressões dos últimos vinte anos, Boaventura vai além e considera que:

[...] nos últimos quarenta anos vivemos em quarentena, na quarentena política, cultural e ideológica de um capitalismo fechado sobre si próprio e a das discriminações raciais e sexuais sem as quais ela não pode subsistir. A quarentena provocada pela pandemia é afinal uma quarentena dentro de outra quarentena. Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a Natureza como a nossa mãe originária a quem devemos amor e respeito. Ela não nos pertence. Nós é que lhe pertencemos. Quando superarmos esta quarentena, estaremos mais livres das quarentenas provocadas por pandemias (Santos, 2020, p. 32).

Das lições aprendidas com a pandemia da Covid 19, Boaventura aponta que é preciso criar um modelo alternativo ao capitalista neoliberal por meio de debates políticos e debates civilizatórios, articulando partidos políticos, movimentos e organizações sociais, mobilização espontânea de cidadãos e cidadãs, buscando alternativas para esse modelo dominante há

quarenta anos. Caso não haja essa articulação em busca de alternativas, novas pandemias ocorrerão, cada vez mais letal, pois, segundo o autor, trata-se de autodefesa da Natureza, “O planeta tem de se defender para garantir a sua vida. A vida humana é uma ínfima parte (0,01%) da vida planetária a defender” (Santos, 2020, p.23).

O vírus não acabou, circula entre nós, agora vacinados e com mais cuidados sanitários. Aos poucos a vida vai voltando a normalidade. Retorno às atividades presenciais no trabalho, nas escolas e universidades, às festividades com aglomeração, aos bares, restaurantes, shows, igrejas e espetáculos. Com o retorno à normalidade das rotinas diárias, até que ponto estamos refletindo sobre essas lições de vida da pandemia da Covid? Será que já esquecemos tudo o que passamos e estamos novamente submersos em nossos mundos, narcisístico, sem darmos conta da verdadeira reforma que seria a “reforma da vida” tal como sinalizada acima? Que papel tem a educação nesse processo? Afinal que lições a pandemia deixou para o ensino e a educação?

### *Potenciais lições para o ensino e a educação*

Podemos iniciar afirmando que a primeira lição é esta: se não repensarmos globalmente o modelo econômico capitalista neoliberal nada nos garante que outras viroses não aparecerão. Portanto precisamos mudar não só a *educação*, mas a nossa relação com a vida, com o planeta, com a Natureza, com os outros “nós”. Segundo, teremos de repensar a organização da escola. Essas são algumas questões para pensar a educação pós-pandemia. Esse é um momento que vai demandar profundas transformações da nossa forma de viver, não é possível continuarmos nessa lógica de exploração do ambiente, da sociedade do consumo.

Nóvoa e Alvim, no ensaio *A Covid-19 e o fim da educação: 1870-1920-1970-2020*, discorrem sobre a história da educação ao longo de 150 anos, destacando quatro datas relevantes, a cada ciclo de cinquenta anos, em que a escola foi questionada e colocada em evidência. Começam argumentando que “o modelo escolar foi posto em causa pelo combate contra a Covid-19” (2020, p.6), e ao longo do texto vão justificando esta premissa.

A escola tal qual a gente conhece, com seus sistemas nacionais de ensino e leis de instrução pública, universal, gratuita, pública, leiga e obrigatória, nem sempre foi assim. Nem todos tinham acesso à escola, cabia apenas aos “predestinados”, aos filhos da classe dominante. Foi no Século das Luzes, conhecido como Iluminismo, que o primeiro Plano de Instrução Pública (conhecido como *Rapport*) datado de 1792, e o primeiro Plano Nacional de

Educación de 1793, foram elaborados, logo após a Revolução Francesa, concebendo a educação como o motor do novo regime político e social que associavam escola, razão e progresso (Aranha,1989; Canário, 2006). A divisão dos alunos em classes e separados por níveis de dificuldade foi uma proposição de João Batista de La Salle, na França (séc. XVIII) e ficou conhecido como “ensino simultâneo” e sobrevive até hoje. Ela surge no século XVIII e se efetiva no século XIX. Para Nóvoa e Alvim foi em 1870 que a escola passou a ser definida como a que conhecemos até hoje:

[...] é um edifício próprio, separado do resto da sociedade, constituído sobretudo por várias salas de aula, com dimensões bastante semelhantes em todo o mundo ( $\pm 50m^2$ ), no interior das quais um grupo relativamente homogêneo de alunos (entre 25 e 40), agrupados sempre que possível por idades e por nível de progresso nos estudos, sentados em carteiras escolares arrumadas em fileiras, ouvem em silêncio as lições dadas por um mestre, titulado e formado para esta função, que recorre no seu trabalho pedagógico a vários suportes didáticos, em particular ao quadro negro (Nóvoa; Alvim, 2020, p. 5).

Os autores apontam que este *modelo escolar* foi bastante criticado, em 1920, pelo *Movimento Escola Nova*, considerado a primeira grande manifestação contrária a este modelo de escola, que foi fortemente influenciado pelos estudos de John Dewey e de Adolphe Ferrière, em especial pelo seu livro intitulado *Transformemos a escola*. Segundo Nóvoa e Alvim, Dewey alertava que “é fácil cair no erro de ignorar a força dos elementos que organizam a ‘maquinaria escolar’ (edifícios, espaços, tempos, arrumação dos alunos, distribuição do trabalho dos professores)”, e que não adianta colocar “ideias novas” em “odres velhos”, daí que muitas propostas inovadoras do movimento Escola Nova não obtiveram sucesso porque os educadores não levaram em conta “a força da maquinaria” deste *modelo escolar* (Nóvoa; Alvim, 2020, p. 7-8).

O segundo grande momento marcante de crítica a este *modelo escolar* foi nos anos 1970, com a publicação de dois livros: *A reprodução*, de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron; e *Sociedade sem escolas* de Ivan Illich. O livro *A reprodução* teve um papel definidor na teoria crítico-reprodutivista, afirmando que o sistema escolar contribui para a reprodução da estrutura social. Para Nóvoa e Alvim, “A reprodução é uma das obras mais emblemáticas, e problemáticas, do século XX, pois foi lida como uma fatalidade, uma inevitabilidade, tendo ‘fechado’ qualquer tentativa de transformação da escola” (2020, p. 9). Quanto ao livro de Ivan Illich, *Une société sans école*, que foi traduzido como *Sociedade sem escola*, onde deveria ter sido *Desescolarizando a sociedade*, os autores apontam que “foi

recebido com escândalo, devido a forma como o autor questiona todas as crenças e instituições do *único melhor sistema*” (2020, p. 10). No entanto, apontam que apesar dessa descrença da sociedade no livro de Illich, o autor parece que já antevia os acontecimentos futuros relacionados à escola atual, e em 1973 já anunciava:

[...] a procura de novas soluções educacionais deve ser feita numa lógica inversa ao modelo escolar, valorizando *teias educacionais* que permitam a cada um transformar os diferentes momentos da vida em momentos de aprendizagem, de partilha e de cuidado (Illich, 1973, p.18 *apud* Nóvoa; Alvim, 2020, p. 11).

É deste ponto que os autores chegam ao ciclo 2020 anunciando que as ideias de *desescolarização* de Illich parecem prever as mudanças que aconteceriam com a *modelo escolar* a partir da pandemia da Covid-19. Como dizem, de fato, parecem, uma vez que a desescolarização na perspectiva de Illich vai além de um deslocamento de espaço de realização dos projetos de ensino da cultura escolar, por exemplo, no ambiente doméstico. A nosso ver, a desescolarização em tempos de pandemia se reduz a medidas emergenciais de isolamentos, no entanto, a cultura escolar em seu aspecto político e ideológico permanece como projeto e desloca para as casas, tal como é pensado na noosfera do ensino oficial .

Neste ponto, destacamos que o atual modelo escolar que estamos vivendo desde o final do século XX é o modelo da reforma empresarial da educação que tem sua origem no nascimento de uma nova direita, numa junção do neoliberalismo com autoritarismo social. Este modelo de reforma empresarial da educação encontra o campo ideal para execução e imposição de uma política de educação neoliberal, “centrada na ‘empresa’ como modelo social como também vê nele uma oportunidade de investimento que faz girar a roda do lucro desde pequenos negócios até grandes corporações” (Freitas, 2018, p. 44). A entrada de fundações e institutos na participação em licitações públicas das secretarias de educação estão cada vez mais presentes na venda de material estruturado com formação de professor agregado e de plataforma digitais de ensino, na terceirização das escolas públicas via sistemas de vouchers, no fortalecimento das instituições filantrópicas para assumir a gestão da educação infantil, dentre outras características da reforma empresarial da educação.

Nóvoa e Alvim (2020, p. 12) destacam algumas características do que denominaram de *propostas futuristas*:

- i. um regresso da educação a esferas domésticas e familiares, ou “comunitaristas”, isto é, um recolhimento das crianças no seio de

- grupos sociais, culturais ou religiosos mais homogêneos, retirando-as dos espaços escolares públicos;
- ii. um esforço de personalização das aprendizagens, em grande parte assente nos estudos dos neurocientistas sobre o cérebro, que têm conhecido um grande sucesso nas últimas décadas;
- iii. um recurso sistemático às tecnologias e, cada vez mais, à inteligência artificial, procurando desenhar dispositivos e soluções mais eficazes do que a tradicional relação entre professores e alunos.

Essas propostas futuristas têm em seu bojo a marca do neoliberalismo, pregando uma visão individualizada e *neutra* de educação e em defesa da liberdade de escolha dos pais, o que justifica sua aproximação com as discussões atuais do *homeschooling*, conhecido no Brasil como educação domiciliar, movimento que tem como pressuposto a *desescolarização*, livrando-se do controle do Estado e das suas escolas, incentivando o ensino em casa (Freitas, 2018, p. 53) e com o movimento Escola sem Partido (Frigotto, 2017). Ainda segundo Nóvoa e Alvim (2020, p. 12-13),

[...] o ‘desaparecimento da escola’ faz-se pela corrosão dos laços sociais e dos vínculos pedagógicos entre professores e alunos. A escola sempre teve duas missões principais: conseguir que, através do conhecimento, os alunos aprendam a estudar e a trabalhar; conseguir que, através da relação, os alunos aprendam a conviver uns com os outros. Esta segunda missão não se pode concretizar fora de um espaço escolar, público, de partilha e de convivialidade.

A pandemia da Covid-19 parece que veio trazer à tona a discussão futurista da *desescolarização*, a partir do momento em que as escolas, enquanto espaços físicos, arquitetônicos, fecharam e a cultura escolar passou a ser vivenciada em domicílio. “Será isto que Ivan Illich sonhou? Não. Será isto que as correntes dos últimos anos vinham desenhando? Sim. Será este o futuro da educação? Provavelmente. É este o futuro que desejamos? Não”, afirmam Nóvoa e Alvim (2020, p. 13).

Os autores encerram o ensaio afirmando que depois da pandemia da Covid-19, este *modelo escolar* tradicional está prestes a acabar, “e que uma nova realidade educativa vai emergir em todo o mundo” e que a pandemia veio mostrar que essa mudança além de necessária é possível (Nóvoa; Alvim, 2020, p. 17). Ressaltam ainda que é necessário sair da crise pandêmica com um “projeto claro para o futuro da educação”, este, por sua vez, deve ter como eixos centrais: “a Terra comum” e a “Humanidade partilhada”, recorrendo aos estudos de Edgar Morin. E finalizam dizendo:

A cidadania do nosso tempo não cabe nas fronteiras nem do “cidadão nacional” nem do “cidadão consumidor”, implica, isso sim, uma filiação que nos permita viver em paz com a Terra (“casa comum”) e em paz com os Outros (humanidade partilhada). E implica, também, processos de participação e de deliberação no espaço público. Não se trata, apenas, de estar presente e informado, de acompanhar, de ser consultado; trata-se, acima de tudo, de ter uma voz na decisão, do poder de decidir. Neste sentido, importa fortalecer a escola como arena onde se firma a compreensão das regras da vida coletiva como resultado de um debate público (Nóvoa; Alvim, 2020, p. 15).

Aqui há um encontro das vozes de Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos e António Nóvoa numa lição pós-pandemia que ficou evidente para os três: a necessidade de “emergir uma nova via política-ecológica-econômica-social guiada por um humanismo regenerado” que possibilitaria “as verdadeiras reformas, que não reduções orçamentárias, mas reformas da civilização, da sociedade, ligas às reformas de vida” (Morin, 2020, p. 11). Compreendemos que a escola pós-pandemia não pode estar distante e fora dessas discussões, precisa voltar cheia de humanidades, entranhada pela teia da complexidade.

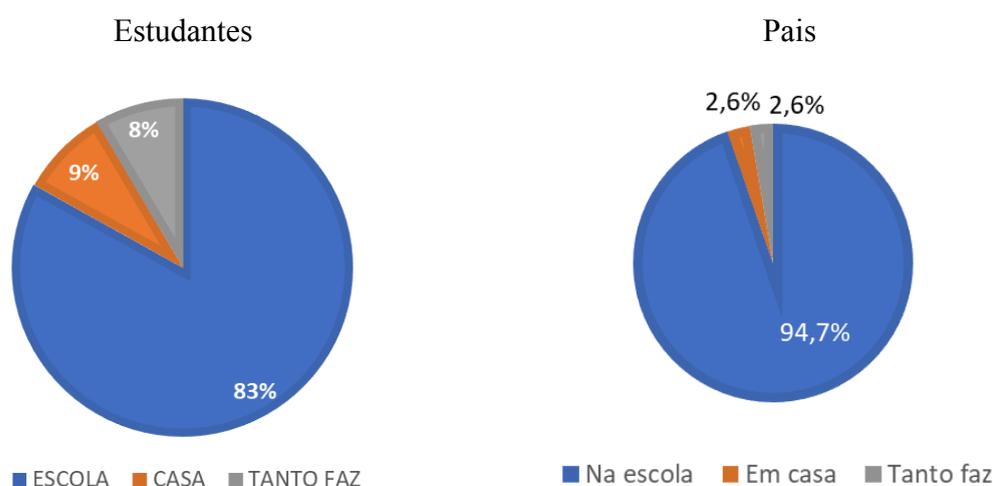
### *Outras lições: o que dizem as pesquisas?*

Das lições aprendidas com o ensino emergencial remoto, presentes em algumas pesquisas realizadas durante esse período, podemos elencar as seguintes: a) a escola ainda é reconhecida como local favorável às aprendizagens; b) os professores são relevantes nesse processo e não serão substituídos pelas máquinas; c) haverá uma quebra de paradigma na cultura escolar, com ênfase no ensino híbrido e nas novas tecnologias em sala de aula; d) é necessário dar a devida importância ao que foi aprendido na experiência do ensino remoto, ressignificando as práticas no retorno ao presencial, e; e) a escola precisa voltar com uma percepção mais humana, solidária e harmoniosa no ambiente escolar, com mais respeito à natureza, ao ambiente, à vida e ênfase na afetividade e na formação integral do aluno. A escola deve se tornar um lugar de acolhimento pelo fato de que há uma demanda sensível de aprendizagens e de inclusão social dos grupos mais vulneráveis e que tem a escola como a principal agência de acesso ao conhecimento socialmente prestigiado, mas também, pelo fato de que esses grupos necessitam recompor a sua crença na cultura escolar, na ressocialização interétnica e no exercício permanente e necessário da comunicação intercultural e na reconstrução das redes afetivas que, em alguma medida, implodiram

Na pesquisa de Santos e Santos (2021), realizada por meio de questionário construído no *Google forms*, distribuído nas redes sociais entre estudantes, pais, professores e dupla gestora (diretores e coordenadores), com questões abertas e fechadas, buscou-se identificar como a escola “sobreviveu” nos domicílios e quais os dizeres e fazeres dos atores sociais envolvidos que simbolizaram essa sobrevivência. Para o objetivo desse texto, apresentaremos apenas os resultados de duas perguntas: 1) “Você acha que aprende mais fácil de que forma?”, respondida pelos estudantes e pais; 2) “Como você imagina que será a *cultura escolar* após a pandemia?”, feita aos professores e dupla gestora (gestores e coordenadores).

Na primeira pergunta, houve uma unanimidade: estudantes e pais revelaram que é no espaço escolar que os alunos aprendem mais, seja porque tem a presença física do(a) professor(a) e o contato com os colegas, podendo falar e tirar dúvidas presencialmente, ou porque consideram que a escola é o ambiente onde os professores(as) foram formados para ensinar e auxiliar na aprendizagem dos conteúdos escolares, conforme mostra gráfico 1:

Gráfico 1 - Pergunta 14. Você acha que aprende mais fácil de que forma?



As respostas da segunda pergunta revelaram que há um consenso entre a dupla gestora (28,2%) e professores (18%) de que haverá uma quebra de paradigma na cultura escolar, após a pandemia, reforçando a necessidade de modernização da escola atual, com ênfase no ensino híbrido e nas novas tecnologias em sala de aula. Outros estudos reforçam essa percepção:

Se por um lado o ensino remoto trouxe muitas dificuldades e desafios para as professoras, é perceptível no discurso delas que, por outro, também oportunizou novas aprendizagens “enquanto professor, a gente tem se desdobrado, mas, a gente tem aprendido muito, a fazer uso das tecnologias, a inserir as tecnologias em nossas metodologias, em nossas práticas”.

[...] Afirman que durante o ensino remoto “a gente se tornou uma rede de colaboração”, no sentido de que trocam experiências entre si, tiram dúvidas e se ajudam. Foi assim que conseguiram superar o choque inicial desse novo modo de ensino, porque a cada nova aprendizagem sobre as tecnologias digitais, uma professora ia repassando para as outras, os novos conhecimentos adquiridos, sem essa rede de colaboração não teriam conseguido chegar até aqui (Pereira; Santos; Santos, 2022, p. 248).

A pesquisa de Teles *et al* (2020), também revelou essa quebra de paradigma. Segundo as autoras, a pandemia encurtou o grande temor que os professores tinham quando do início dos estudos sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) em sala de aula, em outro tempo e contexto, que era o de serem substituídos pelas máquinas. O ensino remoto, com todos os seus imprevistos, criatividade, dificuldades de implementação, mostrou que, em geral, os pais e estudantes sentiram a falta do contato professor presencial. Evidenciou que a maioria dos estudantes, assim como os pais, perceberam que aprendem mais e melhor nas aulas presenciais, pois “apesar das inúmeras possibilidades de aprendizagem que as tecnologias propiciam - quando usadas com a intencionalidade pedagógica -, nada substitui o contato com o professor” (Teles *et. al*, 2020, p.11).

Se por um lado os professores perceberam que não foram e nem serão substituídos pelas mídias tecnológicas, por outro, as pesquisas revelam “a urgência e necessidade em explorar novos conhecimentos que busquem interligar as interfaces educação e comunicação, visto que uma depende da outra” (Teles *et al*, 2020, p. 15), por meio de formações continuadas para os docentes que extrapolem a mera preocupação com os conteúdos e metodologias de ensino tradicionais, explorando as inúmeras possibilidades de apropriação e construção dos saberes com o uso das tecnologias, não apenas como distração e entretenimento em sala de aula. Em outro estudo, Feitoza, Teles e Gomes (2021, p.19) afirmam que “não será possível nos adequarmos ao presente, sem que abandonemos preconceitos tecnológicos e estejamos dispostos a aprender por meio de formações (...) para os usos críticos e mais ‘adequado’ de certas tecnologias e mídias digitais”.

O retorno ao ensino presencial não pode desprezar as aprendizagens construídas pelos professores, estudantes e pais durante esses dois anos de pandemia. Faz-se necessário que o estado reconheça a urgência de implementar políticas públicas de efetiva inclusão digital nas escolas públicas do país, nas áreas urbanas, rurais e ribeirinhas, assim como identificado no estudo de Pereira, Santos e Santos,

Os meninos e meninas das comunidades urbanas e rurais não podem esperar para depois para ser mais ou para receber uma educação humanizadora e ética. Faz-se necessário uma “vigilância” acentuada para avaliar o que está sendo feito e como se deve avançar nos protocolos escolares mediante uma política de inclusão dos estudantes às plataformas digitais e para o retorno às aulas presenciais (2022, p.256).

Nesta mesma pesquisa, realizada por meio da técnica grupo focal com seis professoras da rede municipal de Juazeiro da Bahia, durante a pandemia, foi possível identificar como o preconceito tecnológico foi, aos poucos, sendo desmistificado. O Quadro 1, consiste no agrupamento dessas falas:

Quadro 1 – Papel dos recursos tecnológicos na alfabetização e intenção de uso pós pandemia

<p><b>Questão 14:</b> Na compreensão de vocês, a partir da vivência com os recursos tecnológicos, qual seria o papel deles no processo de ensino e aprendizagem da alfabetização? Pretendem manter alguns desses recursos com o retorno às aulas presenciais? Por quê?</p>	
<p><b>Papel dos recursos tecnológicos na alfabetização</b></p>	<p>Importante, inovador, as aulas são mais dinâmicas, são mais atrativas e mais participativas. Os alunos já estão bem familiarizados com esse processo de educação, com certeza, vai promover novas formas de ensinar e aprender.</p>
	<p>O aprendizado da gente, enquanto professor, a gente tem se desdobrado, mas temos aprendido muito, a fazer uso das tecnologias, a inserir as tecnologias em nossas metodologias, em nossas práticas.</p>
	<p>As tecnologias na fase de alfabetização das crianças, porque nos deram a possibilidade de diversificar as nossas formas de ensinar, desde os procedimentos diferenciados, na perspectiva de reinventar formas e maneiras diferentes de trazer o aluno para participação e dos pais.</p>
	<p>A gente diz assim, nossos alunos, eles ainda não sabem escrever, mas eles se arriscam, porque eles tem ali o caminho, e o caminho é chat, para tá falando com o outro coleguinha, mesmo que falte algumas letras, mas o outro coleguinha já entendeu, porque tá ali, no mesmo nível de aprendizado dele</p>
<p><b>Intenção de uso dos recursos tecnológicos pós pandemia</b></p>	<p>Vou continuar com algum desses recursos, desde que, a escola me dê autonomia para isso, porque não sabemos se vamos ter as devidas condições, pois nas aulas presenciais, nos anos anteriores, na escola em qual trabalho, não tinha.</p>
	<p>Não fazer uso desses recursos e das tecnologias nas aulas presenciais, seria retroceder. Até porque, a proposta do retorno é de um ensino híbrido, é um semipresencial. No ensino híbrido, a gente precisa fazer uso das tecnologias, a gente vai precisar continuar com os grupos de WhatsApp, com esse acompanhamento, fazendo isso nas nossas aulas.</p>
	<p>Eu pretendo utilizar os recursos que eu utilizo, o celular, a tecnologia, os aplicativos que eu utilizo para gravar os vídeos. Não tem porque você abandonar a tecnologia, porque também os alunos se habituaram com o uso da tecnologia.</p>

As professoras reconhecem o quanto foi importante os recursos tecnológicos no ensino remoto para os docentes e alunos, bem como para aproximar as famílias da cultura escolar. Algumas relataram que tiveram mais contatos com as famílias durante o ensino remoto do que no presencial, dado também presente na pesquisa de Veloso *et. al.* (2022). Afirmam ainda, que vão continuar utilizando a tecnologia em sala de aula presencial, mas ressaltam que para isso precisam do apoio da escola, pois em muitos casos, as escolas não têm as condições necessárias para utilização das mídias digitais.

Se é fato que a pandemia possibilitou uma quebra de paradigma na cultura escolar com a inclusão do manuseio de plataformas digitais, aplicativos e introdução do ensino híbrido nas

tradicionais salas de aulas, apesar de toda a adversidade comprovada em várias pesquisas em âmbito nacional e internacional, também é notório o desafio que se impõe no retorno ao ensino presencial, posto que a efetiva modernização das escolas, precisa sair do discurso e se concretizar com a estruturação adequadas de todas as escola do país. Dito isto, reforçamos que não estamos falando daqueles projetos do tipo *Escolas Conectadas* ou *Escolas em Rede* que não passam de um amontoado de computadores obsoletos; com uma internet que mal consegue conectar um ou dois aparelhos; que não chega nas escolas das zonas rurais; sem uso crítico das mídias e tecnologias dentro dos conteúdos curriculares, mas apenas como preenchimento de carga horária letiva; e sem a devida formação continuada para os professores relacionadas ao uso das TIC's. Ou se repensa as políticas públicas de acesso às TIC's nas escolas públicas do país, ou de nada adiantará toda a aprendizagem que as professoras e professores construíram com muito esforço durante a pandemia. Estas, por sua vez, precisam ser criadas e recriadas ouvindo a classe docente, e não importando pacotes prontos das grandes empresas de tecnologias.

Voltando a segunda pergunta apresentada no início desta sessão, “*Como você imagina que será a cultura escolar após a pandemia?*”, os docentes (15,3%) colocaram em segundo lugar, que haverá um reconhecimento de que a escola é local de aprendizagem para todos, apesar de todas as dificuldades e que haverá também, uma maior valorização dos profissionais da educação no sentido de afeto e respeito, bem como maior conscientização e participação das famílias e comunidade em geral. As respostas dos pais e estudantes da *Questão 1* parecem confirmar esta hipótese dos professores, quando passaram a sentir falta da escola e principalmente, da atuação profissional dos professores juntos aos alunos.

Já os gestores e coordenadores, colocaram em segundo lugar, que após a pandemia haverá uma sobrecarga de trabalho com muitas cobranças para dar conta dos conteúdos, com ênfase na aprovação e reprovação, querendo a curto prazo os avanços que não puderam ser feitos durante o período remoto. No entanto, há também, aqueles professores que ainda são céticos e consideram que nada irá mudar (13,9%) e que “*permanecerá da mesma forma como tem sido a muito tempo: desigual, excludente, machista, misógina, lgbtfóbica, racista. Foco no Ideb. Infelizmente, não será a pandemia que trará mudanças profundas no modo como o ensino se dá*”. Essa perspectiva pessimista e negativa é totalmente compreensível, considerando que o *modelo escolar* neoliberal da atualidade sobrecarrega a gestão da escola e

os professores, colocando-os como responsáveis e corresponsáveis pelos resultados, pautando-se basicamente na obtenção da nota do Ideb.

Sobre essas cobranças por conteúdos e resultados no retorno ao ensino presencial, a pesquisa de Tassoni e Osti (2022), no Estado de São Paulo, ressalta a necessidade de valorizar a experiência vivida e as aprendizagens construídas durante o ensino remoto, apontam que

[...]entender nossa experiência vivida neste contexto pandêmico implica em pensar, escutar, sentir, ou seja, reforça a importância do espaço da sala de aula e mostra que o caminho para o retorno presencial, será o demorar-se nas crianças, demorar no sentido de entender os processos pelos quais passaram (Tassoni; Osti, 2022, p.97).

Desta forma, consideram que “pensar em recuperar o tempo perdido será uma armadilha com forte risco de se apagar tudo que foi experienciado durante a pandemia da Covid-19” (Tassoni; Osti, 2022, p.98). De um modo geral, as pesquisas revelam que para além de todas as dificuldades e desigualdades evidenciadas durante a pandemia, houve avanços no sentido de provocar mudanças no atual *modelo escolar* (edifícios, espaços, tempos, arrumação dos alunos, distribuição do trabalho dos professores) introduzindo a cultura escolar no mundo digital. A pesquisa de Santos M. e Santos C. (2020, p. 8-9) revelou ainda que 60% dos docentes têm uma visão positiva da cultura escolar pós-pandemia, seja no campo dos avanços tecnológicos e digitais nas escolas, seja na valorização docente pelos pais e pela sociedade de modo geral, ou, ainda, em uma percepção mais humana, solidária e harmoniosa no ambiente escolar ou mesmo pelos aspectos relacionados aos procedimentos de segurança e vigilância sanitária nesses espaços. Esse sentimento resulta de uma percepção de que o retorno às aulas presenciais precisa vir repleto de humanidade, tal como já apontado por Morin, Boaventura e Nóvoa.

### *Entre o início e o fim: algumas lições*

Este ensaio teve como intenção apresentar algumas lições aprendidas durante o período a pandemia da Covid-19, partindo da análise de algumas pesquisas, estudos, ensaios que foram desenvolvidas nos últimos dois anos. Foi possível identificar que houve lições para a vida e a educação em tempos de ensino remoto.

Dentre as lições de vida, aprendemos que é urgente pensar uma reforma que vá além das reformas administrativas, trabalhistas, tributárias e orçamentárias, com foco nas reduções liberais. Há que se pensar como diz Morin, nas “reformas da civilização, da sociedade, ligadas

às reformas de vida” (Morin, 2020, p.11). Há que se compreender que somos uma mesma Humanidade, que tudo é a Natureza. Há que se preocupar com a escassez dos recursos naturais e com essa forma de ver todas as coisas como mercadoria, como disse Ailton Krenak, que exclui “da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver” (Krenak, 2019, p.23). Caso a sociedade contemporânea não dê espaço para as *reformas de vida*, buscando alternativas para este modelo neoliberal, novas pandemias ocorrerão, cada vez mais letal, como argumenta Boaventura, por tratar-se de autodefesa da Natureza.

Dentre as lições para a educação, aprendemos que o *modelo escolar* pós-pandemia “está prestes a acabar”, que é possível mudar a tradicional escola para outros formatos mais contemporâneos, inclusivos e com menos preconceitos tecnológicos. No entanto, é necessário sair da crise pandêmica com um “projeto claro para o futuro da educação”, este, por sua vez, deve ter como eixos centrais: “a Terra comum” e a “Humanidade partilhada” (Nóvoa; Alvim, 2020),

Aprendemos ainda que a *escola* saiu de sua casa durante a quarentena e retorna cheia de aprendizagens, ansiosa para dar os abraços fraternos nos estudantes, nos colegas de trabalho e em toda a comunidade. Ao sair de sua casa e entrar nas casas dos educadores e estudantes, a *escola* descobre que fez falta. As pesquisas revelaram que pais, mães, alunos, professores sentiram falta da escola e muitos ansiaram pelo retorno presencial. A escola retorna a sua casa sabendo do grande desafio: não tem mais como retroceder ao velho ensino “cuspe e quadro branco”. O tempo que passou interagindo com os estudantes nas plataformas, nos aplicativos do *WhatsApp*, *Google Class Room*, *Youtube* e tanto outros que foram descobertos como possibilitadores de aprendizagem, não podem ser simplesmente esquecidos.

No entanto, a escola (educadores, estudantes, gestores, coordenadores, funcionários, estudantes e pais) reconhecendo sua força, potencialidade e criatividade, revelada durante o ensino remoto na quarentena, denuncia que de nada adiantará todas essas lições aprendidas, caso o Estado não reconheça a urgência de implementar políticas públicas de efetiva inclusão digital nas escolas públicas do país, nas áreas urbanas, rurais e ribeirinhas e de valorização da educação pública e de seus profissionais.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *História da Educação*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1989.

CANÁRIO, Rui. *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed: 2006.

FEITOZA, Denise Santiago; TELES, Edilane Carvalho; GOMES, Maria Radilene Lopes. “Aula flui? Docência e condições pedagógicas no atual cenário da educação”. *ComSertões*, Juazeiro, Bahia, v. 9, n. 1, p. 16-36, ago. 2021.

em Rede, A. (2020). “Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19 - Relatório técnico (Parcial)”. *Revista Brasileira De Alfabetização*, (13), 185-201. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/465>

FREITAS, Luiz Carlos de. *A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação*. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

HAN, Byung-Chul. “O fator X contra a pandemia é o senso cívico”. *Instituto Humanitas (IHU)* da Unisinos, publicado em 04 de novembro de 2020. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/604336-o-fator-x-contra-a-pandemia-e-o-senso-civico-artigo-de-byung-chul-han>

MORIN, Edgar. “Um festival de incertezas”. *Instituto Humanitas (IHU)* da Unisinos, publicado em 09 de junho de 2020, disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. “Covid-19 e o fim da educação: 1870-1920-1970-2020”. *Revista História da Educação (online)*, v.25, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/110616> Acesso em: 24 ago. 2022.

PEREIRA, Áurea da Silva; SANTOS, Cosme Batista; SANTOS, Maéve Melo. “O ensino remoto e as práticas de alfabetização em tempos de pandemia: os dizeres das alfabetizadoras baianas de Juazeiro e Alagoínhas”. In. MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). *Retratos da alfabetização na pandemia da Covid-19: resultados de uma pesquisa em rede*. São Paulo: Parábola, 2022. Recurso digital.

RETAMAL, Pablo N. “Cansaço, depressão, videonarcisismo: os efeitos da pandemia segundo Byung-Chul Han”. *Instituto Humanitas (IHU)* da Unisinos, publicado por La Tercera em 21 de março de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/607793-cansaco-depressao-videonarcisismo-os-efeitos-da-pandemia-segundo-byung-chul-han>

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, S.A, 2020.

SANTOS, Maéve Melo dos; SANTOS, Cosme Batista dos. “Cultura escolar em tempos de pandemia e distanciamento social”. *Olhar de Professor*, v. 24, p. 1-11, 5 jun. 2021. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16180>

TASSONI, Elvira Cristina Martins; OSTI, Andreia. “O que podemos aprender com a pandemia? Reflexões sobre a alfabetização e a prática docente de professoras paulistas”. In. MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). *Retratos da alfabetização na pandemia da Covid-19: resultados de uma pesquisa em rede*. São Paulo: Parábola, 2022. Recurso digital.

TELES, Edilane C.; CAMPANA, Adriana Maria de A.; NASCIMENTO, Fabiana; COSTA, Suéller. “O Ensino Remoto e os impactos nas aprendizagens”. In: *Políticas da vida. ComSertões*, v.9, nº 2, 2020. p. 1.18. In: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/view/10091>, Acesso em 11 de out de 2021

VELOSO, Geisa Magela (et all). “Ensino remoto emergencial em Minas Gerais: novas configurações na relação família-escola?” In. MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). *Retratos da alfabetização na pandemia da Covid-19: resultados de uma pesquisa em rede*. São Paulo: Parábola, 2022. Recurso digital.